

O HABITUS DO VAMPIRO: UMA BREVE ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE DALTON TREVISAN A PARTIR DAS PRIMEIRAS ENTREVISTAS E DAS ÚLTIMAS PALAVRAS DO ESCRITOR PUBLICADAS EM JORNAIS

João Victor Simião (PIC/Uem), Zuleika Bueno (Orientadora), e-mail:
zubueno@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Saúde/Maringá, PR.

Sociologia: 70207003 Outras Sociologias Específicas

Palavras-chave: Dalton Trevisan, Habitus, Pierre Bourdieu.

Resumo:

O Projeto de Iniciação Científica (PIC) que desenvolvemos entre agosto de 2017 e julho deste ano buscou analisar qual o *habitus* do escritor Dalton Trevisan a partir das primeiras entrevistas dadas por ele, em 1968, até as últimas palavras do autor à imprensa, em 2015. Conhecido como Vampiro de Curitiba, o escritor, considerado um dos mais importantes contistas brasileiros, falou pouco sobre a carreira aos jornalistas. Apesar disso, ele construiu uma imagem: a de recluso, de não gostar falar sobre si e renegar obras anteriores. Nossa pesquisa buscou analisar qual foi o percurso feito por Trevisan para construir essa imagem. Para isso, utilizamo-nos de Bourdieu (2005) para compreender como o *habitus* dele ao longo desses anos a partir de pistas deixadas na imprensa. Nosso trabalho abarcou, também, os termos campo e capital (BOURDIEU, 2005). A partir do material levantado em jornais, criamos categorias e fizemos análise de conteúdo - o que nos possibilitou inferir sobre o que disse Trevisan à imprensa para consolidar a imagem dele e permitir-lhe um trajeto literário.

Introdução

O curitibano Dalton Trevisan (1925) é reconhecidamente um dos mais – senão o mais – importante contista brasileiro. Ganhador de quatro prêmios Jabuti de contos, ele também já recebeu a maior distinção literária em língua portuguesa: o Prêmio Camões. Desde que estreou oficialmente na literatura, em 1959 quando lançou “Novelas nada exemplares”, já se foram quase 60 anos de carreira. O que o chamado “Vampiro de Curitiba” falou aos jornais sobre esses itens que lhe dão respaldo como escritor? Pouco, muito pouco. Desde o final dos anos 1960, Trevisan não dá entrevista oficialmente. De maneira extraoficial, a última foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 1972.

Autor de mais de 40 livros, o curitibano já escreveu que o que pensa ou diz como *pessoa* não tem valor. “Nada a dizer fora dos livros. Só a obra interessa, o autor não vale o personagem. O conto é sempre melhor que o

contista” (MONTEIRO, 2013, p. 62). Não acreditamos na afirmação. Foi por duvidar do escritor – ao menos no que diz respeito à (não) importância do autor – que produzimos um artigo. O questionamento à afirmação de Trevisan, vale registrar, pôde ser feito a partir de outra fala dele próprio. Nos anos 1960, o vampiro de Curitiba sentenciou: “O escritor é uma pessoa que não merece nenhuma confiança nenhuma” (TREVISAN apud VILELA, 1968).

Levando-se em conta que o escritor não merece nossa confiança, procuramos compreender qual o *habitus* de Dalton Trevisan a partir de falas dele publicadas em jornais do passado e do presente. Para isso, analisamos o escritor no campo em que ele estava inserido, como recomendou Bordieu (2005). Imaginamos que a partir dos jornais selecionados e por meio de análise de conteúdo chegaríamos a uma resposta satisfatória. Cremos ter chegado a isso.

Materiais e métodos

Para o trabalho, escolhemos sete materiais jornalísticos. Foram três entrevistas publicadas em 1968; uma em 1970; uma em 1972; e dois materiais de 2015. Os primeiros jornais são as primeiras falas de Trevisan à imprensa, em 1968. Os itens analisados dos anos 1970 são entrevistas dadas sem o consentimento do autor. Os de 2015 referem-se aos 90 anos de Dalton, completados naquele ano.

A partir dos sete materiais, buscamos encontrar itens que apareceram em 1968 nas falas de Dalton Trevisan à imprensa e que se repetiram em 2015, perpassando os jornais dos anos 1970. Dessa maneira, acreditamos que haveria conteúdo para subsidiar a nossa análise quanto à construção do *habitus* e da imagem do escritor.

Com esse material em mãos, utilizamo-nos de Bordieu (2005) para entender como o percurso de Trevisan foi construído, de acordo com as falas dele próprio. Para o sociólogo francês, o *habitus* deve ser entendido como a tomada de decisão e escolhas que o escritor faz para seu percurso literário (2005, p.84) a partir do meio em que ele está inserido. Podemos entender, também, que, em outras palavras, *habitus* é o conceito relativo a projeto, percurso, caminho. Bourdieu, sociólogo que estudou as relações do poder simbólico, mostrou a luta entre indivíduo x sociedade.

Bourdieu considerou importante entender o *habitus* para que qualquer análise feita sobre um determinado escritor levasse em conta as decisões tomadas para o caminho escolhido, entendendo a relação entre o autor e a sociedade (e o campo). Isso permitiria, na visão do francês, compreender que literatura não pode ser vista apenas como algo que está ali, posto, sem mais nem menos; e para compreender, também, que decisões são tomadas às vezes sem coerência esperada. Com isso, o sociólogo quis nos dizer que pensar na forma como uma carreira foi conduzida, os caminhos escolhidos etc, permitiria ao pesquisador evitar apontamentos errados em relação a um autor.

Sabemos que decisões, para serem tomadas, dependem, entre outros fatores, do campo onde está inserido o autor. Como explicou o Pierre Bourdieu, um item ao ser estudado só pode ser apreendido se estiver

colocado no mesmo local que itens semelhantes. “Só assim pode revelar sua verdade singular” (2005, p. 207). No caso da literatura contemporânea, isso envolve o local de onde o autor escreve, o espaço que consegue em jornais e atualmente em blogs, a editora responsável etc.

Passiani (2008) nos ajudou a compreender a relação *habitus/campo* mostrando que um escritor toma decisões por si próprio, mesmo com a pressão por parte da sociedade.

Portanto, ter trabalhado com os conceitos *habitus* e campo foi importante, pois nos ajudou evitar o reducionismo. Além disso, outra importante reflexão de Bordieu (2005) nos auxiliou a produzir artigo. Era a que trata sobre a construção da trajetória do autor, levando em conta o que o sociólogo chama de capital. No artigo, utilizamo-nos de três tipos apresentados pelo autor: capital econômico, capital cultural e capital social.

Como buscamos compreender o percurso de Trevisan, precisávamos escolher como analisar o material levantado. Optamos pela análise de conteúdo para inferir sobre os itens que encontramos em nossa pesquisa. Conforme Fonseca Junior (apud DUARTE e BARROS, 2006), realizar inferências às ideias dos autores permite compreender o quê aquilo, de fato, significa.

Resultados e Discussão

Nosso levantamento chegou a uma série de itens que apareceram nas produções analisadas. Esse agrupamento só poderia ser analisado se organizado em tópicos. Aí, portanto, criamos as seguintes categorias: 1) A ironia nas entrevistas e a imagem de um cidadão familiar; 2) O mito do silêncio e a trilha contrária ao comum: para os jornalistas um, para os amigos, outro; 3) A reescrita e a caminhada nunca terminam; e 4) O contato com o campo literário: “O escritor é um ser maldito”.

Em cada uma dessas categorias, selecionamos falas dos jornalistas e do próprio Trevisan para subsidiar aquilo que o tópico propunha. No primeiro, por exemplo, percebemos que na maior parte das entrevistas o autor é irônico, dizendo não ser tão bom quanto afirmam. Nas primeiras entrevistas, também, Trevisan falou que era casado e pai de família. Esses dois pontos, em nosso ver, indicam muito o *habitus* do autor: fazer-se não o melhor dos contistas (mesmo com o reconhecimento da crítica) para ser lido publicamente como modesto; mostrar-se casado para que ele pessoa, fosse entendido como diferente dos narradores e personagens encontrados no livro dele (bêbados, violentadores, velhos amargurados etc) e assim alimentar a áurea do escritor misterioso, do Vampiro de Curitiba.

Nosso trabalho também apontou que o silêncio de Dalton foi/é consciente para manter a imagem de Vampiro e que isso só foi possível porque ele já estava inserido em um campo literário e pôde resistir à pressão da sociedade quando das primeiras publicações. Além do mais, em nosso levantamento notamos a ligação dele aos capitais apresentados por Bordieu (2005): Trevisan veio de uma família com dinheiro (capital econômico), que era conhecida em Curitiba (capital social), e ele mesmo criou publicações para ser conhecido (capital cultural). Tudo isso lhe permitiu ser quem era/é.

Conclusões

Com nosso trabalho, pudemos perceber a sagacidade de Trevisan. Vivendo em Curitiba (portanto, fora do eixo Rio-São Paulo), ele pode se tornar o maior um dos mais importantes contistas brasileiros sem ter de se utilizar de declarações à imprensa – algo mais do que incomum em tempos de comunicação de massa.

O percurso diferente, que chamamos no artigo de trilha contrária ao comum, só pôde ser feito porque Trevisan teve, desde o início da carreira, ligação com os três capitais apresentados por Bourdieu (2005). Foi necessário levar em conta o talento de Trevisan também: que lhe assegurou e assegura espaço entre os grandes nomes de nossa literatura.

A produção do artigo nos permitiu entender as razões pelas quais o escritor mantém a imagem de misterioso, recluso, do homem que não gosta de falar a jornalistas. Em nossa avaliação, para manter o mito.

Agradecimentos

À Zuleika Bueno, agradeço pela orientação, paciência e pelo café pago em um de nossos encontros. À Universidade Estadual de Maringá, pela biblioteca. À Letícia Lessa, por ter me ouvido falar horas a fio sobre o Vampiro de Curitiba. Ao Tabuleiros, Atari e Bar do Zé, pelas cervejas estupidamente geladas. E ao Dalton Trevisan, o maior contista brasileiro – ao menos para mim.

Referências

BORDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª ed. 2005.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Côrrea da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-303.

MONTEIRO, Sueli de Jesus. **O vampiro não lê jornal... Ah, é?**. Curitiba: Instituto Memória, 2013.

PASSANI, Enio. **Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams**. XI Congresso Internacional da ABRALIC. USs: São Paulo, 2008. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1939/1577>> Acesso em 15 maio 2018.

TREVISAN, Dalton. In: VILELA, Luiz. **A história do contador de histórias**. Jornal da Tarde, 1968. Disponível em <<http://gpluizvilela.blogspot.com/2012/06/luiz-vilela-55-anos-de-ficcao-5.html>> Acesso em 14 maio 2018.